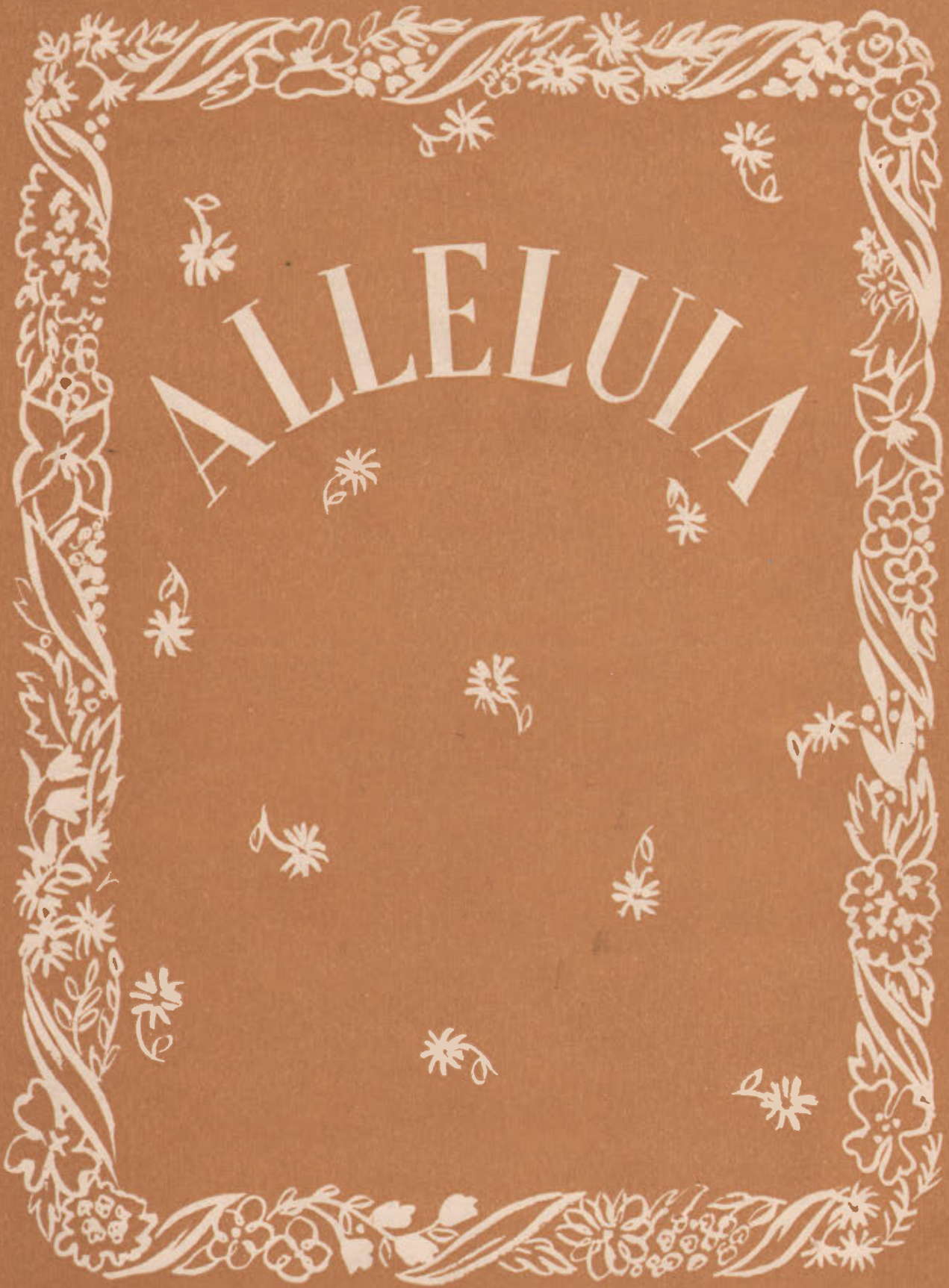


ALLELUIA



ALLELUIA

OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1947

ÓRGÃO DA LIGA INDEPENDENTE CATÓLICA FEMININA
PROPRIEDADE DA LIGA CATÓLICA FEMININA



DIRECTORA :
CONDESSA DE ALMOSTÉR

REDACTORA PRINCIPAL:
RAQUEL DE SOUSA CALHEIROS

COLABORADORA GRÁFICA:
MÁMIA ROQUE GAMEIRO M. BARATA

CORPO REDACTORIAL:
CONDESSA DE FORNOS
FRANCISCA DA CÂMARA PINTO BASTO
CONDESSA DE VALLE DE REIS
MARIA TERESA ALVES DINIS
MARIA ISABEL FREITAS SIMÕES NUNES

SUMÁRIO

VOZ DE ROMA
PREPARAÇÃO LITÚRGICA PARA A FESTA DO NATAL — D. Paulo de
Carvalho, O. S. B.
AQUELE QUE MELHOR O AMOU — Marie Noel
VIVAMOS NA VERDADE — P. A.
CARTA A'S LICISTAS
O PADRE AMÉRICO, EM LISBOA — Dr. Ramiro de Aguiar
AMEI, SENHOR — O DECORO DA VOSSA CASA... — Mámia Roque
Gameiro Martins Barata
À RODA DO PRESEPIO — P.^e José Guilherme
PRESEPIOS E CONFISSÃO — Amélia Montano
UMA IGREJA QUE É UM MILAGRE — Joaquim Costa
OS PAIS EDUCADORES — R.
O PAVÃO
MODAS — «A JUSTA MEDIDA» — M. José Alves do Rio
CENTENÁRIO DE S. BENTO — Helcar
SUBSÍDIOS PARA O INVENTÁRIO DAS OBRAS DE SOARES DOS
REIS — Vasco Valente
A NOITE DE S. SILVESTRE
RETALHOS DE SABEDORIA
VIDA MUNDANA DA L. I. C. F.
ASPECTOS DO NATAL NA ARTE PORTUGUESA
«HOME SWEET HOME»
AGENDA DA L. I. C. F.
PELO NATAL

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIAÍSTICA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — POÇO NOVO, 35 — LISBOA — TELEFONE 2 1753

CAPA DE MANUELA ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

A QUELE QUE MELHOR O AMOU

(O Bom Rico)

Adaptação de um conto de
MARIE NOEL

COMO sempre, na véspera de Natal, Sara preparava-se para acompanhar os filhos na visita à Creche.

Um deles, Simão, era lavrador. Outro, ferreiro de profissão, chamava-se Lázaro. Andre, o último, ainda ia à escola. Eram estes os filhos preferidos por Sara, os mais novos, Deus lhos enviara já quase na velhice. Ainda tinha outro, o José, nascido do primeiro matrimónio ele próprio já com bastante idade. Sofria muito da vista e caminhava com dificuldade. Toda a vida trabalhara e poupava muito por conseguinte era rico e com o seu auxílio conseguira Sara criar os irmãos mais novos e manter a casa.

Mas os irmãos não o estimavam. Achavam injusto que ele tivesse o suficiente para poder ser generoso e eles nem sequer conseguissem prescindir da sua ajuda. Tratavam-no com frieza e se por acaso o encontravam no caminho, diziam e riam-se entre si «Lá vai o Burguês da família.»

Nessa véspera de Natal, Sara foi bater à porta de José. «José, disse ela, parto em breve com teus irmãos. Vamos adorar Jesus. A viagem é longa até Belém e precisamos levar grande farnel. Venho buscar alguma coisa do que tens aqui em tua casa.»

«Entre, minha Mãe, respondeu José. Tudo o que é meu é vosso. Leve o que precisa, até mais ainda. Nada deve faltar a meus irmãos durante uma viagem tão alegre. Aqui estão as chaves da cave, da adega, e do sótão.»

A Mãe escolheu o que entendeu e foi-se embora. Mas daí a pouco voltou.

«A capa do teu irmão Simão está rota em muitos sítios, receio que ele na estrada apanhe frio. Tu que tens duas, dá-me uma para ele.»

«Leve a capa que ponho aos Domingos, minha Mãe, respondeu José. Será uma grande honra para ela ir a Belém cobrindo os ombros do meu irmão.»

A Mãe levou a capa e pouco depois voltou novamente.

«Os sapatos do teu irmão Lázaro têm as solas gastas. Receio que não aguentem o caminho todo. Tu que tens alguns pares dá-me um para teu irmão. Afinal se ele quizesse, mais forte do que tu, bem podia tirar-tos embora até hoje ainda não tenha pensado nisso.»

«Tome lá os meus sapatos de Domingo, minha Mãe. É com alegria que os deixo ir a Belém a servirem a um irmão meu.»

A Mãe pegou nos sapatos e logo se ouviu no pátio o bôrulho alegre da partida.

Então José, timidamente, apareceu à porta.

«Minha Mãe, eu não posso ir convosco adorar Jesus também?» Os irmãos indignados responderam numa só voz: «Jesus nada quer com os ricos—Jesus não veio à terra para os ricos—Jesus amaldiçoou os ricos.»

«Além disso, disse Sara, tu estás cansado, vês pouco, custa-te a andar, não nos poderias acompanhar—chegávamos atrasados—».

Então José tirando do dedo um anel de ouro, disse: «Olha, André, tu que és o mais novo leva este meu anel e deixa-o na Creche. É uma oferta minha para o Deus Menino.»

«Não, respondeu André, sou pobre e só levo a Jesus as lembranças dos pobres, os únicos que Ele ama. O teu oiro não tem valor aos seus olhos.»

«Isso é verdade, disse humildemente José. Guarda-o então para ti, André. E a Jesus leva-lhe o meu coração. Pede-lhe misericórdia, que Ele se compadeça de mim.»

«O seu coração—. O coração de um homem rico. —O coração de um burguês—. Que divertido!»

Os irmãos riram em côro.

O homem rico baixou a cabeça humilhado porque o expulsavam da Graça do Natal.

«Vamos, disse a Mãe!

E partiu acompanhada por todos os filhos excepto aquele.

Quando chegaram a Belém houve muita alegria na Creche. Maria e Sara tiveram grande prazer em se tornar a ver. Conheciam-se há muito. Todos os anos Sara fazia a mesma viagem para admirar com grandes louvores o Filho de Maria, e Maria informava-se com ternura sobre os filhos da Sara.

«Aqui estão eles, disse ela. O que tem a foice é o Simão. O que tem o martelo é o Lázaro. O que tem o livro é o André. Não formam eles, na verdade, um lindo grupo? Fortes, novos, corajosos, ponho neles grandes esperanças!

«Mas falta aqui um» disse Maria.

«Nenhum» disse André.

«O Burguês!» disse Lázaro.

«Falta o José» explicou Simão.

«Não sei quem é o Burguês mas sei quem é o José. Nas alturas em que vivo só se conhecem os homens pelo seu nome. Mas porque não veio José? Não é ele uma alma de boa vontade?»

«Um rico» diz Simão.

«Um Patrão» ajuntou Lázaro.

«O teu filho disse «ai dos ricos!» lembrou André.

«Ele tem dificuldade em andar «desculpava a Mãe.»
Falta-lhe a vista e nós receávamos chegar tarde.»

Então Maria afastou-se e foi levantar nos seus braços o Menino que dormia no berço.

«Ah! meu filho, murmurou Maria «até hoje só tens falado a quem te não quer ouvir e receio que no futuro ainda encontres os homens mais surdos às tuas palavras!»

E sentou-O no regaço para Ele receber, como é tradição, as adorações e as oferendas.

«Venham adorá-l'O» disse Sara aos seus filhos. Os três rapazes ajoelharam-se. Adoro-te, Jesus, disse Simão. Nós te saudamos Deus dos Pobres. Eu sou um dos pobres que tu amas e ofereço-Te com a minha força os meus trabalhos das quatro estações do ano.

O Menino olhou para ele mas não sorriu.

«ELE não quer a tua força, disse Maria. Prefere a tua capa».

«Eu te adoro, Jesus, disse Lázaro. Eu Te saúdo, Cristo dos operários. Sou operário como Tu e com o meu martelo ofereço-Te o cansaço de cada semana de trabalho.»

O Menino olhava e não sorria.

«ELE não quer o teu martelo, disse Maria: Dá-Lhe antes os teus sapatos.»

«Adoro-Te, Jesus, disse André. Salve, Rei dos tempos

modernos! Eu sou aquele que vai exterminar os ímpios e proclamar o Teu reinado num mundo onde Te não conhecem. Com o meu livro ofereço-Te a minha cólera e o meu ódio de todas as horas.»

O Menino desviou o olhar.

«O teu livro assusta-O, disse Maria. Dá-Lhe antes o teu anel.»

Os três filhos levantaram-se.

Aos pés de Jesus viam-se a capa, os sapatos e o anel. Irradiavam uma luz esplendorosa. E o Menino sorria estendendo as mãos pequeninas como uma criança aquecendo-se à chama da lareira.

E Maria disse com doçura:

«Agradeço-te, Sara, e agradeço a teus filhos trazerem ao Meu ofertas que representam um tão grande Amor. Na verdade, este anel, estes sapatos e esta capa, contém mais Amor do que o suor e a cansaço de uma vida inteira quando envenenada pelo fel do ódio, da ingratidão ou da inveja.»

«Adeus Simão, Lázaro, André. Lembrem-se de que nada serve ser pobre se o pobre já não sabe Amar, o que Meu Filho chama Bem-aventurados a todo aquele, mendigo ou opulento que se mantém pobre em espírito. Vão, e digam a José:

«Jesus abençoou na Creche, aquele que não pôde lá ir mas que melhor O soube Amar.»



AMEI, SENHOR, O DECORO DA VOSSA CASA...

(Lavabo)

1947 MÁMIA ROQUE GAMEIRO MARTINS BARATA

Q

UIS Deus, pois coisa nenhuma aconteceu por acaso que nos viessem parar às mãos dois ou três números da edição francesa « Cahiers d'Art Sacré » publicação expressa para a cultura artística do clero e especialmente dos seminaristas.

Há muito que nos vem interessando o arranjo interior das igrejas, e estes liyrinhos juntos a outros publicados em Espanha e na Bélgica, dirigidos não ao clero mas aos fiéis, mais nos vieram despertar a vontade de

chamar a atenção das senhoras da L. I. C. F. para este assunto.

O que poderemos nós fazer? Há elementos da L. I. C. F. que se encarregam do arranjo de altares e que poderiam bem iniciar uma luta contra tudo o que é indigno e supérfluo na Casa de Deus. Não podemos encontrar palavras mais precisas. Indigno e supérfluo.

Algumas das nossas igrejas estão cheias demais; os altares sobrecarregados, as cores em desarmonia completa. Os naperons, as flores de pano e os cetins fulgurantes desempenham um papel de relevo e avassalam a igreja. Por vezes não podemos repousar a vista, pois o próprio crucifixo do altar-mor submerso em flores de pano e velas fingidas, custa a encontrar.

Há tempos uma voz amiga desabafou conosco nestes termos:

« Andando na baixa da cidade a dar as minhas voltas, visitei uma igreja que até então nunca encontrara aberta. Ao entrar na Casa de Deus fora das horas do culto, antegozo sempre o conforto que me vai dar a reza feita sem distracção.

Entrei ainda encandeada pelo sol que fazia fora, e ao ajoelhar, saltou-me à vista um vulto branco e vermelho. Não era um ser humano de físico anormal em proporções, mas uma imagem que com um cofre nas mãos pedia para S. Expedito. Levantei os olhos para conhecer o Santo e vi o exemplo exacto do « estilo S. Sulpice », que debaixo do seu alpendre sem estilo e rodeado de flores ia recebendo inúmeras velas de cera verdadeiras. Lastimei ter sido imperfeita a minha sau-

dação ao Senhor, e procurei de novo a lâmpada do Santíssimo onde os meus olhos pararam ao fim de passar sobre três altares cobertos de verde, cor de rosa e azul, qual deles o mais gritante. Adiante noutro pequeno chalet coberto de folhas de hera, Santo Onofre, mais modesto em flores mas rico em solitários de vidro (uns oito) alguns duas vezes maiores que a altura do santo.

Por fim, com a vista já adaptada àquela luz suave que tanto apreciamos, eu tive que ler algumas das muitas placas ex-voto que disputam o tamanho e o lugar ao pé da Virgem e que vêm muitos laços, muitas jarras variadas e muitas flores diferentes. Quando saí notei que tinha tido nas minhas costas mais dois santos entronados em prateleiras com os respectivos naperons, afixados às colunas do côro ».

E é assim, sem exagero.

A fé de muitos fiéis não sabe perceber que nem tudo o que é digno de nossa casa é digno da Casa de Deus. Não diminuímos a piedade da pessoa que trabalha amorosamente um naperon em bordado inglês, para a pianha de um santo da sua devoção, ou que compra com sacrifício uma fita de « moirée » para colocar no braço de S. to António; mas gostaríamos de ver essas demonstrações de fé, transformadas em energia mais proveitosa para a dignidade do culto de Deus.

Transcrevemos em seguida uns parágrafos do caderno n.º 3 « Le Zele de la Maison de Dieu »: « E' preciso pregar o anonimato da caridade. Fazer ver quanto preferível é a dádiva que contribui para a reparação do tecto da igreja, à oferta de um objecto de decoração ou de mais uma imagem.

E' preciso tomar conhecimento do progresso que se está operando por toda a parte e em todas as coisas no gosto publico, nestes últimos trinta anos. Já não se suporta de maneira nenhuma o amontoado de « bric-à-brac ». As habitações que estavam pejadas de « bibelots » são agora muito mais sóbrias. Nos museus, nas lojas de antiquários, nas galerias de quadros, empilhavam-se multidões de objectos que hoje se excluem para valorizar as peças melhores que não se apreciavam por entre a barafunda. É preciso evidentemente que a igreja, sendo o lugar mais digno, seja a primeira a apresentar-se dignamente.

É tempo que o faça!...



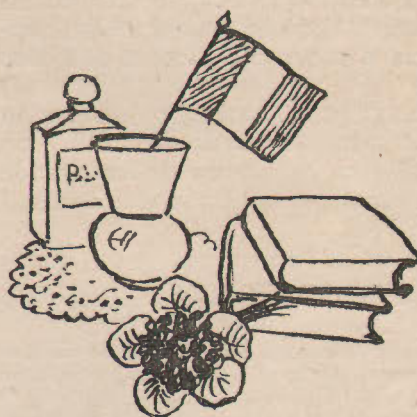
PELO NATAL

Siga-se o conselho de El-Rei D. Duarte no Leal Conselheiro e leia-se «pouco, passo e bem apontado».

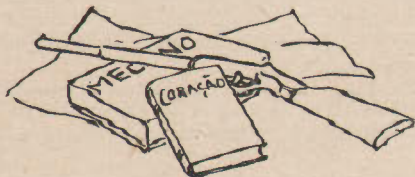
ALGUNS LIVROS PARA CADA UM



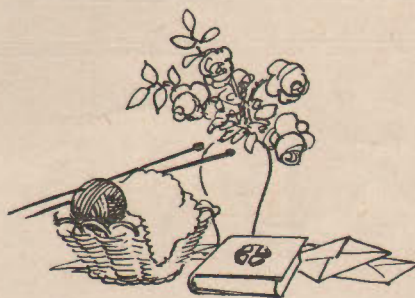
Para o seu filho de 12 anos, *Emílio e os detectives*, por Eric Knapp. Qualquer obra de Francis Finn.



Para uma amiga que sabe francês e sabe pensar, *Les Grandes Amistées*, Raissa Maritain.



Para o seu filho de 18 anos, *O Caminho da Vitória*, por Thomas Toth. *Cristo e o nosso tempo*, pelo mesmo autor. Qualquer livro de Lloyd Douglas.



Para si, se pertence à L. I. C. e tem a noção dos seus deveres, *Elementos de Acção Católica*, por Tristão de Athayde.



Para quem se quer distrair um romance, *A Túnica*, de Douglas. *Morte, onde está a tua vitória?*, por Daniel Ropps. *Citadella*, de Douglas.



Para sua filha se tem de 16 anos a 20, *A prima da América e Dias felizes*, por Paula de Azevedo. *A Lei sublime e Uma prima pobre*, por Maryan.



Para quem lê em inglês, *The Testimonial to Grace*, Avery Bulles. (Sheed a-Ward). *Theology and Sanity*, F. Sheed. (Sheed a-Ward).



Para seu marido, *Cartas do Papa Celestino VII*, por Papini. *O espírito e o mundo*, de Tristão de Athayde.